

ESCOLA: ESPAÇO PARA A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA

Marco Aurélio de Patrício Ribeiro¹

A escola é um espaço de experiências, de VIDA. Como estudantes do Ensino Fundamental ao Superior, participamos de uma escola fundamentalmente transmissora de informações, todavia, como educadores, buscamos contribuir para o florescimento de uma escola envolvida na feitura de sujeitos éticos, de pessoas cujas experiências/aprendizagens possibilitem uma valorização de cada vida humana como valor supremo a ser respeitado; uma escola com possibilidades concretas de elaborações de si mesmo, onde o ato de aprender conhecimentos histórica e culturalmente relevantes perpassem o ato de se fazer, nas relações com os outros e o de conhecer-se, onde “vida, experiência, aprendizagem não se podem separar”, como escreveu Dewey. É importante também esclarecer que a Ética que defendemos está difundida na ideia de Ética Universal da Pessoa Humana.

Ao longo do tempo, a escola esteve pautada na transmissão cultural. A ela cabia a transmissão dos conhecimentos historicamente elaborados. Aos estudantes caberia receber as informações e devolvê-las por meio das provas. Mesmo a socialização, inerente a esse espaço, acontecia sem que se interferisse conscientemente. Alicerçada nessas premissas, a escola não acompanhou as transformações sociais que se externaram e que passaram a exigir dela outras ações e novos papéis. Uma escola inserida numa sociedade em constantes transformações não pode ficar parada em virtude da transmissão de informações, por vezes, já superadas. É ainda nesse lugar que a encontramos hoje. Autores e mais autores destacaram

¹ Texto originalmente publicado na revista da Faculdade Sete de Setembro – FA7, em co-autoria com a professora-mestre Fátima Maria de Holanda Lima.

a crise por que passa a escola. Estaria ela a agonizar? Obsoleta para os novos tempos, quando a tecnologia comunicacional usurpou seu papel de transmissora de informações?

De qual escola falamos? Da escola como “prática da liberdade”, de Paulo Freire (2001), da “escola do sujeito”, de Touraine (1998), e da “escola das múltiplas linguagens”, de Cavalcante Junior (2003), da escola como espaço de feitura de si numa relação autêntica com os outros; da escola como vida e da vida como aprendizagem. Os grandes referenciais de tempos antigos já não cabem em nossos tempos. A Igreja e suas leis, o Estado e suas determinações, as comunidades e seus valores transmitidos de gerações para gerações, já não nos pertencem mais, ou já não pertencemos mais a eles. Vivemos novos tempos, tempos de consciência planetária, globalização, virtualidade, sustentabilidade e tantas outras categorias. Perderam-se os grandes referenciais. A única que se mantém — a escola — parece-nos insegura, frágil, incapaz de educar, pois pauta suas ações na transmissão de informações, e, para essa função, a tecnologia já a pode substituir. O que fazer? Encarar esse fato e ousar superá-lo; eis nossa sugestão.

Cada vez mais cedo, as crianças chegam à escola; seus pais não têm com quem deixá-las para que possam trabalhar. Os lares desses pais, nem de longe se parecem com os de outros tempos. São outras constituições de família. Os valores, antes claramente definidos, hoje, se encontram confusos. Vemo-nos constantemente assediados por valores divergentes e contraditórios através da mídia e dos modismos que impõe. Acostumamo-nos a segui-los sem refletir sobre seus sentidos. Com o enfraquecimento dessas referências, inclusive familiares, como norteadoras da educação das crianças, novas possibilidades podem surgir — inclusive a escolha. Se nos é dado o poder de autonomamente escolher os valores que orientam nossa vida, é importante que possamos expressar o

que gostamos, do que não gostamos, com base em nossas experiências organísmicas, ou seja, com arrimo em nossas reações orgânicas que se pautam no que nos é próprio, no que experienciamos e não em expectativas de aprovações pelos outros que nos são caros, como os pais e professores. Apresentamos essa ideia de experiência organísmica, com suporte do que Rogers explicita: é do âmago de nossa própria experiência que nosso organismo afirma em termos não verbais: “isto é bom para mim”, “isto não é bom para mim”. São essas reações genuínas que nos dão pistas de que valores são mais adequados ao nosso modo de ser.

Pensamos que a escola pode ser um espaço de encontro consigo mesmo e não de separação. Viver a escola, experienciando organicamente todas as relações lá possibilitadas, aprender pode ser um caminho no desafio de fazer-se plenamente a si mesmo, tão propício a esse espaço.

Nesse contexto de reduzida convivência familiar das crianças com seus componentes familiares, estando entregues ao cuidado escolar, ausência de valores rígidos a serem seguidos e com oferta de opções, já não cabe à escola só instruir. É imprescindível que, juntamente com a família, possibilite experiências que educam no seu sentido mais pleno, isto é, que possa favorecer o desenvolvimento do potencial inerente a cada ser humano, caminhos que nos tornem potencialmente o que somos, dentro de um resgate mutável de valores, pois, se tudo muda, mudam também os valores, ainda que permaneçam, inerentes à nossa condição humana, referências que garantam a nossa sobrevivência, crescimento e desenvolvimento pleno e a sobrevivência e desenvolvimento completo dos outros. Que a escola possa garantir o compartilhamento de conhecimentos, mas que favoreça acima de tudo atos de criação da capacidade autônoma de cada aprendiz ser o que potencial e plenamente pode ser.

Chegando à Escola

Desde pequenos lá estão eles, com lancheiras e mochilas nas mãos: vão à escola. Na chegada, choro, medos, insegurança, crescimento, alegria, descobertas, relações, trocas, aprendizagens, muitas experiências e muita vida sendo vivida. Belas e prazerosas ou sofridas e tristes histórias são escritas. A educação ou escolarização está acontecendo? Mesmo que ainda se esteja na Educação Infantil, já se está voltado para a transmissão de conteúdos que precisam ser garantidos. Nos níveis seguintes, Ensino Fundamental e Ensino Médio, a ênfase informacional só tende a aumentar, pois acumular informações é garantia de sucesso no concorrido exame para acesso à Universidade. Todo um currículo oculto se estabelece, com suporte na diversidade de relações experienciadas, mas não é visto ou considerado pelos profissionais da escola, ocupados com os conteúdos importantes a garantir. Estamos escolarizando! Será esse o papel fundamental da escola? Precisamos questioná-lo.

Ainda que a escola não tenha se dado conta, o papel e espaço que pode e deve ocupar é muito mais amplo e rico. É o papel de possibilitadora de seres humanos plenos e mais felizes. A isso chamamos educação — a ação de nos tornar potencialmente o que somos, mediante trocas estabelecidas com tudo e todos que encontramos em nossos caminhos, que, sentidas plenamente, refletidas e conscientizadas, originam mudanças em nós e nos outros; experiências e ou aprendizagens que podem determinar todo um jeito de perceber a si e aos outros, adquirindo-se uma consciência responsável sobre a elaboração e cuidado de si, dos outros, do ambiente, de todo o planeta. A isso denominamos educação. Se a escola — de quem se espera uma grande influência nessa formulação — não assume esse papel a ela também delegado, aos cuidados de quem estará entregue à conquista de seres humanos éticos, plenos e felizes? À sociedade, que

também perdeu seus grandes referenciais? Entregue à mídia, e a todo e qualquer novo modismo que se imponha como garantia de sucesso e que segue a lógica econômica de acúmulo de bens materiais?

Muito já se escreveu ao longo da História, artigos, dissertações e teses sobre o espaço da escola como lugar de educação para a vida, para a cidadania. Leis (Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDB) e Programas Curriculares Nacionais (PCNs), Projetos Político-pedagógicos, *slogans* e frases de efeito estampadas nos jornais e *outdoors* nos fazem acreditar ser escolas, lugares de educação, de formação integral, de preparação para a vida. As práticas denunciam, porém, uma formação para a vida pautada no cognitivo, no racional, na garantia de transmissão de conhecimentos que permitam o sucesso no vestibular. Por que não conseguimos ir além da escolarização? Por que não conseguimos de fato fazer da escola, acima de tudo, um lugar de educação? Alguns teóricos advogam a ideia de que é necessário trazer as outras dimensões do humano (emoções, sentimentos) para o interior da escola; trazer o aprendiz integralmente, organicamente e não só racionalmente para o espaço escolar. O enfoque da escola sempre esteve pautado no cognitivo e, com o fortalecimento da ciência, isso foi cada vez mais reforçado, pois só o racional garantiria a objetividade necessária ao conhecimento. Quanto mal se promoveu dentro das escolas em nome dessa falsa ideia! O ato de aprender envolve-nos integralmente, e se de fato não estivermos plenamente presentes, não só racionalmente, não haverá possibilidades de conhecimento, não acontecerá aprendizagem como a compreendemos. Instruiu-se, informou-se, memorizou-se temporariamente.

É importante definir, com Dewey, o conceito de educação que apresentamos ao longo de nossa escrita: “o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”. Uma visão orga-

nismicamente sentida a essa referência já nos transporta a outro papel para a escola.

Apresentamos ao leitor algumas considerações, defendendo a escola como um espaço de construção de sujeitos que pode ir além da escolarização (instrução formal). Se por determinação social devemos todos ir à escola, possamos de fato ir e ser acolhidos plenamente e não só racionalmente; transformar esse lugar em possibilidades de interações, trocas, experiências, reflexões, reconstruções, transformações — aprendizagens e conquistas de vidas plenas é nosso desafio. Por que continuarmos fixados na ideia já superada de garantir informações sem sentido? Questionamos essa fixação da escola e convidamos a uma transformação. Façamos da escola um lugar de vida, experiências, aprendizagens organicamente sentidas e significadas, superando esse lugar definido, ocupado por ela, de preparação para a vida futura, para dispor de um lugar no mercado de trabalho.

Como apoio às nossas argumentações retiramos do “fundo do baú” ideias apresentadas por Dewey há tempos; afirmações que nos parecem tão ou mais atuais e importantes do que na época de sua divulgação. Em sintonia com estas, trazemos Rogers à nossa conversa. É fantástico ler Rogers e Dewey e encontrar tantas consonâncias. Nas obras de ambos, aprendizagem e vida são atos supremos do processo educativo. Em 1978, um livro de Rogers traduzido para o português — *Liberdade para aprender* — apontava-nos caminhos de como a educação poderia ter como ação fundante a elaboração do ser humano e não o mero papel de instrução formal. Nele, Rogers já assinalava certos princípios que poderiam nortear uma ação própria ao ato de educar. Reproduzimo-las na íntegra por considerá-las de fundamental importância ao nosso projeto de transformação:

- 1) os seres humanos têm natural potencialidade de aprender — são curiosos a respeito do mundo em que vivem, até que, e a menos que, tal curiosidade seja entorpecida pelo nosso sistema educacional...

- 2) A aprendizagem significativa verifica-se quando o estudante percebe que a matéria a estudar se relaciona com seus próprios objetivos...
- 3) A aprendizagem que envolve mudança na organização de cada um – na percepção de si mesmo – é ameaçadora e tende a suscitar reações.
- 4) As aprendizagens que ameaçam o próprio ser são mais facilmente percebidas e assimiladas quando as ameaças externas se reduzem a um mínimo.
- 5) Quando é fraca a ameaça ao “eu” pode-se perceber a experiência sob formas diversas, e a aprendizagem ser levada a efeito... Humilhações, ridículos, depreciações, menosprezo e desrespeito – são ameaças à própria pessoa, à percepção que se tem de si mesmo...
- 6) É por meio de atos que se adquire aprendizagem mais significativa.
- 7) A aprendizagem é facilitada quando o estudante participa responsabilmente de seu processo.
- 8) A aprendizagem auto-iniciada que envolve toda a pessoa do aprendiz – seus sentimentos tanto quanto sua inteligência – é mais durável e impregnante.
- 9) A independência, a criatividade e a autoconfiança são facilitadas, quando a auto-crítica e a auto-apreciação são básicas e a avaliação feita por outros tem importância secundária. A criatividade desabrocha numa atmosfera de liberdade.
- 10) A aprendizagem socialmente mais útil, no mundo moderno, é a do próprio processo de aprendizagem, uma contínua abertura à experiência e à incorporação, dentro de si mesmo, do processo de mudança. (ROGERS e DEWEY).

Rogers já vislumbrava um papel para a educação do ser humano na escola, onde as relações fossem pautadas no respeito às diferenças, no conhecimento e

confirmação de si e na aceitação da diferença do outro; na liberdade de ser e de aprender; no assumir responsável de escolhas, com autonomia; em estar plenamente envolvido na tarefa de tornar-se o que se é no dia a dia fora e dentro da escola, com base em toda relação estabelecida. Rogers já sinalizava a noção de que é pelo contato que se educa. Contatamos, tocamos, agimos, experimentamos, vivemos, refletimos, significamos, escolhemos valores que orientam nossa vida e, assim, vamos sendo e aprendendo a ser o que somos. Se assim acontece, o restrito modo próprio de se aprender – ouvir, passivamente transmissões orais sem relações com a vida – comumente usado na escola, não serve a esses propósitos. Paralelamente, uma rede de aprendizagens não conscientes é construída e passa a determinar ações e reações que não são significadas. É como temos visto: uma total falta de comprometimento e sentido no agir humano, o que nos alija de nós mesmos, nos robotiza, nos torna fragmentados e vazios.

Se nossas ações são promotoras de aprendizagens, se podemos agir respaldados em valores organicamente orientados, torna-se fundamental incluir-nos integralmente na escola, o que, com certeza, mais chances trará para que ela possa ocupar o lugar de facilitadora de aprendizagens de vida plena e não para a vida futura.

Convidamo-lo a pensarmos na beleza que poderia resultar de se viver nas escolas relações autênticas, em que cada um fosse uma pessoa real, pudesse expressar o eu autêntico e não se mostrar como o outro valoriza. Para que isso fosse de fato possível, Rogers nos convida a uma aceitação incondicional, sem julgamentos, buscando-se compreender cada um empaticamente, confiando no potencial inerente a cada um de nós de se atualizar construtivamente a cada nova aprendizagem empreendida, escolhendo sempre referências que promovam nosso viver pleno e nosso bem-estar, assim como do outro, num clima de liberdade para ser e aprender.

Escrevemos sobre Rogers e remetemo-nos imediatamente a Dewey. Vislumbramo-nos confusos. Dewey ou Rogers defendem isso? Vamos em busca de esclarecer dúvidas e, grata surpresa, quantas sintonias encontramos em suas falas!; como defender o cultivo da individualidade, da marca própria a cada um, aprender pautado na liberdade e experimento, atingir fins ligados às necessidades dos aprendizes, aprender vivendo para estar em sintonia com um mundo sempre em mudança. Dewey? Rogers? Já estamos impregnados de suas ideias a partir de como as experimentamos organicamente.

A Construção do Sujeito Ético: um Papel da Escola

Entendemos e defendemos a educação como processo integral de formação humana, pois cada ser humano, ao nascer, necessita receber uma nova condição para poder existir no mundo da cultura. Como afirma Rodrigues (2006):

A educação é necessária para que o Ser Homem seja constituído. Por não receber qualquer determinação por natureza, podemos construir o nosso modo de vida tendo por base a liberdade da vontade, a autonomia para organizar os modos de existência e a responsabilidade pela direção de nossas ações — essa característica do ser humano constitui o fundamento da formação do sujeito ético.

Cada ser humano traz todo um jeito de ser próprio (um potencial) e apreende esse mundo cultural usando desse seu jeito. É por intermédio dos contatos estabelecidos que se vai criando simbolicamente a realidade de si, mediante aquisição da linguagem. É também por intermédio dessas relações que se fazem valores e se adquirem habilidades e conhecimentos; e é por meio desse processo que também se dá a formação do sujeito ético: pela aquisição do mais alto grau de consciência da responsabilidade social de

cada ser humano expressa na cooperação, solidariedade e respeito às individualidades e à diversidade. Considerando que as vivências relatadas há pouco integram o que compreendemos como educação, são essas premissas fundamentais para orientação do que se vive na escola. Se somos seres humanos construtores da humanização, também podemos criar as condições para uma educação humana pautada na liberdade, na autonomia, no comprometimento, na significação e na responsabilidade de estabelecimento de uma vida plena, uma vida boa; condições fundamentais para a construção de relações humanas éticas.

Voltemos nossa visão para a escola da atualidade e nos detenhamos nas relações que lá se estabelecem — relações hierarquizadas em que o poder centraliza-se nas mãos dos donos do saber (professores, técnicos, gestores), o potencial criativo, edificante e atualizador, inerente a cada ser não é considerado; a liberdade de ser e aprender, respaldados por esse potencial, também não está presente. A participação ativa, a responsabilidade, a autonomia e o comprometimento pleno aí envolvidos, acompanhando todo um padrão cultural, são condições reais ainda desconsideradas. A dominação, o medo, a dependência ainda imobilizam os aprendizes. Somos conduzidos à escola e ela só tem nos confirmado nesse lugar passivo. Assim como as famílias, também temos conduzido nossos aprendentes ao vazio, à fragmentação, à falta de sentido, a uma ação sem organicidade. Se à escola, porém, cabe esse outro papel de facilitadora de aprendizagens significativas e integrantes do que se é plenamente, é chegada a hora de conclamar todos a fazer essa realidade acontecer de fato.

À medida que defendemos a escola como o mais legítimo espaço na sociedade atual para realizar a educação das crianças e dos adolescentes, ela terá de se transformar para assumir esse papel: a de ser, não apenas, o lugar da escolarização, mas, sobretudo o da elaboração humana. Há de se educar o homem, fami-

liarizá-lo com sua natureza humana, seu jeito de ser, sua identidade, potencialidades, sua liberdade, responsabilidade consigo, com os outros seres, com seu mundo, no qual se torna responsável pelo o bem-estar pessoal e dos outros, e a constituição de um mundo mais pleno e feliz e, conseqüentemente, de escolas mais cheias de vida e felicidade. Isto porque, onde estivermos plenamente, aí estará a chave para nossa realização.

Referências Bibliográficas

CANO, Betuel. *A Alegria de ser um cidadão do universo*. São Paulo—SP: Paulinas, v. 4, 2005.

FORBES, Jorge. *A invenção do futuro*. Barueri—SP: Editora Manole, 2005.

PUIG, Josep Maria. *A construção da personalidade moral*. São Paulo—SP: Ática, 1998.

RIBEIRO, Marco & RIBEIRO, Luís. *Ética em três dimensões*. Fortaleza: Brasil tropical, 2003.

ZWEIG, Stefan. *Momentos decisivos da humanidade*. Rio de Janeiro—RJ: Record, 1999.